

Iniciativas socioculturais para a preservação do meio ambiente na Ilha Grande, RJ

Sociocultural initiatives for the preservation of the environment on Ilha Grande, RJ

Autor

Cynthia Cavalcante

Coordenadora do Centro Multimídia do Ecomuseu Ilha Grande (Departamento Cultural, Sub-reitoria de Extensão e Cultura - UERJ)

cynthiacavalcante@gmail.com | 972-024-239 | 2334-1047

Thereza Christina de Almeida Rosso

Professora do Departamento de Engenharia Sanitária e do Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

tekarosso@gmail.com | 999-887-988 | 2334-1047

Ricardo Gomes Lima

Professor Doutor do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

rgomeslima50@gmail.com | 999-672-768 | 2334-0728

Recebido em: 22/10/2016 **Aprovado em:** 07/05/2017

DOI: 10.12957/interag.2017.26171

Relato

Resumo

As zonas costeiras brasileiras e a Mata Atlântica são consideradas patrimônio nacional. Constituem-se em ecossistemas dotados de características biofísicas e socioambientais específicas, que lhes conferem importância estratégica em termos de políticas públicas e desenvolvimento sustentável. Esta é a realidade da Ilha Grande, em território fluminense que, ao longo dos últimos anos, transformou-se de área de segurança nacional em área de preservação ambiental. A Universidade do Estado

Abstract

Brazilian coastal areas and the Atlantic Forest are considered national heritage. They are constituted by ecosystems endowed with specific biophysical and socio-environmental characteristics which give them strategic importance when it comes to public policies and sustainable development. This is Ilha Grande's reality, at Rio de Janeiro, where, over the past few years, has become an environmental preservation area. Rio de Janeiro State University, UERJ, has got an important role in its conservation and Ilha

do Rio de Janeiro (UERJ) tem função de destaque na conservação desse ambiente, sendo o Ecomuseu Ilha Grande o indutor na condução desse processo. Um ecomuseu é um tipo de museu em que o território e o ambiente onde se situa, as pessoas que ali vivem, suas histórias e os conhecimentos locais são tão importantes quanto os objetos materiais e documentos que fazem parte de seu acervo. O Ecomuseu Ilha Grande tem como um dos seus objetivos envolver a comunidade local no conhecimento e preservação deste patrimônio ambiental. Para isso, lança mão de diversas estratégias. Uma delas é o desenvolvimento de jogos e atividades educativas. As ações realizadas e aqui representadas incluem: concurso de fotografia em comemoração ao Dia Mundial da Água, jogos de quebra-cabeça oriundos das fotografias vencedoras dos concursos, jogo da memória de conteúdo científico sobre a flora local e oficina de cianotipia elaborada por ocasião da 9ª Primavera de Museus.

Palavras-chave: *Museu do Meio Ambiente, cultura, Ilha Grande*

Área temática: *Cultura e Meio Ambiente*

Linha de extensão: *Patrimônio cultural, histórico e natural; Desenvolvimento humano*

Grande's Ecomuseum is a big part of the process. The Ecomuseum is a kind of museum where the environment, residents, their stories and local knowledge are just as important as the objects and documents that are part of its collection. Ilha Grande's Ecomuseum has as one of its goals evolves local community in the knowledge and preservation of the environmental heritage. To get there, many strategies are used. One of them is the development of games and educational activities. The actions taken and represented include: photography contest to celebrate World Water Day and games made with the winning pictures; memory game of scientific subjects about local flora; and cyanotype workshop developed during the 9th Spring of Museums.

Keywords: *Environment Museum, culture, Ilha Grande*

Introdução

O Museu do Meio Ambiente, MuMA, uma das unidades do Ecomuseu Ilha Grande, tem como característica marcante a promoção e a transmissão de conhecimento, de forma interativa e lúdica, a turistas e moradores da Ilha Grande, particularmente jovens e crianças, no que tange principalmente à preservação da cultura e do espaço ambiental local¹. No cômputo geral, este projeto de extensão aqui apresentado refere-se a uma série

de atividades culturais como concursos de fotografia, produção de jogos educativos e outras ações educativas envolvendo reflexões e práticas voltadas à investigação, divulgação e preservação do meio ambiente, da história, e da vida sociocultural da ilha. Essas iniciativas refletem o esforço do MuMA em unir arte e ciência, uma forma de fazer com que a exuberância e a importância da biodiversidade local seja cultivada e preservada para as gerações futuras. A importância dos temas abordados é comprovada pela aprovação em editais específicos para Difusão da Ciência e Tecnologia pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

No dia 12 de novembro de 2015 foi inaugurada, em Vila Dois Rios- Ilha Grande, a sede do Museu do Meio Ambiente (MuMA), coordenado pela professora Thereza Christina de Almeida Rosso. Nesta data também foi aberta ao público a exposição Certos Modos de Ser da Cultura Caiçara, que teve como curador o professor Ricardo Gomes Lima (ver figuras 1: a e b). Estas conquistas certamente representam grande ganho tanto para a comunidade acadêmica quanto para os moradores e turistas que visitam a vila Dois Rios e a Ilha Grande como um todo.



Imagem da fachada principal do Museu do Meio Ambiente, inaugurado em novembro de 2015.



Imagem do interior do Museu com a exposição sobre a Cultura Caiçara.
Figura 1. FONTE: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

A inauguração do MuMA também cumpre um dever histórico para com a comunidade, uma vez que está instalado, segundo documentos históricos, no único prédio remanescente da antiga Fazenda de Dois Rios, datada do final do século XIX.

Em 1884 a fazenda foi vendida por seus donos, a família Cunha Guimarães, ao Império. Nos documentos históricos de compra e venda consta o arrolamento de todas as construções existentes à época, incluindo o grande galpão: prédio em que foi instalado o Museu do Meio Ambiente.

Além de ser o que restou da antiga fazenda, o prédio também remete à história do regime de Getúlio Vargas que, durante a década de 30, quando o presídio ainda se chamava Colônia Correccional de Dois Rios, entre diversos outros presos políticos, abrigou em suas dependências o escritor Graciliano Ramos. Os 13 dias de “estadia” no presídio desse célebre escritor serviram para imortalizar na literatura nacional sua obra autobiográfica Memórias do Cárcere.

A presença do Ecomuseu no território contribui para refletirmos sobre a relação específica do homem com seu ambiente, buscando desconstruir a fatídica e sádica história da vila de Dois Rios. Essa desconstrução se dá além dos limites da Ilha, se dá pela articulação do Ecomuseu Ilha Grande com as comunidades plurais locais e seus visitantes, deixando patente que não se trata de uma concepção de “museu ilhado”, ainda que, fisicamente, este esteja ancorado numa ilha. Ao contrário, trata-se de um museu-processo, aberto para e conectado com o mundo extrainsular.

Nesse contexto, diversas das atividades realizadas pelo Ecomuseu possuem como objetivo propagar e refletir sobre o futuro da humanidade, seja pela exposição da trágica história do local (Museu do Cárcere), seja por ações específicas visando a importância de cuidarmos e preservarmos a biodiversidade da Ilha Grande ou as tradições da cultura caiçara (MuMA).

Características da Ilha Grande

A Ilha Grande é considerada patrimônio nacional e está localizada na região administrativa da baía de Ilha Grande - também conhecida como Costa Verde - no município de Angra dos Reis, no sul do Estado do Rio de Janeiro (ver figuras 2). A Ilha possui uma das maiores áreas preservadas de Mata Atlântica do estado e uma grande geodiversidade com costões, praias, rios, lagoas, restingas, manguezais e vasta biodiversidade de fauna e flora, tendo, atualmente, o turismo como principal atividade econômica².





Localização da Região Administrativa da Ilha Grande e principais polos comerciais. figura 2. FONTE: Google Imagens, 2011, adaptado por Miranda (2013).

Não obstante à extensa legislação existente, composta pelos decretos que criaram o Parque Estadual da Ilha Grande, a Reserva Biológica da Praia do Sul, o Parque Estadual Marinho e a Área de Proteção Ambiental de Tamoios; e a presença de diversos órgãos governamentais e não governamentais que ali atuam em nome da proteção da biodiversidade regional, fatores como falta de planejamento, falta de fiscalização eficiente e falta de apoio à população local, que em parte encontra-se à margem das atividades mais lucrativas desenvolvidas na região, fazem com que muitos projetos de preservação estejam ameaçados³. Dois grandes problemas a serem resolvidos na região são a questão fundiária e a visitação desordenada e sem suporte informacional (ver figura 3).



Presença desordenada de turistas na Vila do Abraão. Ilha Grande. Figura 3. FONTE: Agência O Globo

Essa visitação desordenada demonstra a intensidade do processo de mudança na direção do turismo que, em um período de menos de dez anos, transformou a Ilha de uma região ainda historicamente abalada por sua condição carcerária e desnordeada pelas imposições legais de preservação ambiental em um paraíso de exploração buca-

neiro moderno⁴. Segundo sugere Rosane Manhães Prado, a Vila do Abraão é a porta de entrada da Ilha e onde esse processo parece se condensar, pois o número de pousadas e estabelecimentos comerciais aumentou em enormes proporções fazendo com que a vida de quase todos os moradores locais gire em torno do atendimento aos turistas e veranistas⁵.

Atividades realizadas

Apresenta-se, a seguir, quatro atividades desenvolvidas pelo MuMA visando a divulgação do conhecimento sobre a ilha, sua flora e meio ambiente, com destaque para a biodiversidade local.

Concurso de fotografias

A primeira atividade reforça a importância da preservação dos ambientes hídricos da ilha e áreas no entorno. Ao todo foram realizados três editais de concursos de fotografias, no decorrer dos anos de 2013, 2014 e 2015. O intuito desses editais foi chamar atenção para a importância da água em suas diversas formas e os diferentes olhares que sobre ela podemos lançar, em comemoração ao dia 22 de março, que, segundo o decreto da Organização das Nações Unidas (ONU), é a data em que é celebrado o Dia Mundial da Água.

O concurso de fotografia vem colaborando para que nosso olhar extrapole a visão da água como simples elemento físico da natureza, indo além e a vinculando a outros sentidos sensoriais e significados simbólicos, tendo o suporte da fotografia como facilitador na compreensão dessa exploração sensorial.

Jogo de quebra-cabeça

As fotografias premiadas em primeiros lugares nesses concursos (ver figuras 4: a, b e c) serviram de base para a elaboração de jogos de quebra cabeça que foram distribuídos aos alunos da rede escolar Ilha Grande e também da área continental do município de Angra dos Reis.





Fotógrafo Rodrigo Ashton: 2013

Fotógrafa Lorena Garcia Woortmann: 2014

Fotógrafo Artur Moes: 2015

Figuras 4. FONTE: Acervo Ecomuseu Ilha Grande (fotos premiadas no concurso de fotografia).

As três edições do concurso foram abertas para todos os interessados que tiveram a oportunidade de visitar a região e foi tão bem recepcionada pelo público que, surpreendentemente, resultou em inúmeras fotos de diversos autores das mais distintas regiões do país. Pudemos assim, uma vez que a ilha é área de proteção ambiental, exaltar a máxima de que dali “nada se tira, nada se leva, a não ser lembranças”, fazendo com que a realização do concurso, em tom cômico, ampliasse a função desse significado para a permanência insular até mesmo das fotografias tiradas no local.

Desse modo, com o concurso, muitas “lembranças”, sob forma de fotos, retornaram à Ilha e foram incorporadas ao acervo do Centro Multimídia do Ecomuseu, passando a fazer parte da memória de todos.

Ainda, como forma de promover a preservação ambiental, foi apresentada aos alunos a possibilidade do uso de garrafas pet para embalagens das peças dos jogos. Com-

batendo-se, assim, um grave problema que atinge a ilha, bem como o resto do planeta, relacionado ao alto índice de resíduos sólidos resultante da ação humana: (ver Figura 5).



Momento da coleta do lixo em um caminhão para posterior envio às balsas que os enviará ao continente.

Figura 5. FONTE. Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

A elaboração de quebra-cabeças revelou uma oportunidade ímpar para atuação do Ecomuseu nesse campo.

Em continuidade aos trabalhos e contando com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis, foram distribuídos protótipos de embalagem feita com garrafas pet e um número de jogos correspondente à quantidade de estudantes em sala de aula, para cada professor da rede municipal de ensino. A proposta desta ação era que os professores criassem as embalagens em sala de aula, despertando nos jovens a percepção e a noção de sustentabilidade no processo de reaproveitamento de garrafas pet para usos diferenciados.



Sugestão de embalagem para o Jogo de Quebra-Cabeça. Figuras 6. FONTE: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

Jogo da Memória

A criação do Jogo da Memória Versão Flora visa promover e sensibilizar o olhar, principalmente de crianças e jovens, como forma de conhecer, identificar e compreender a importância de preservar a flora para equilíbrio do meio ambiente.

Assim, o Jogo da Memória tem como foco a preservação da Mata Atlântica ainda presente na região. A Mata Atlântica, que antes se estendia por 17 estados do território brasileiro, hoje está reduzida a cerca de 22% de sua cobertura original e encontram-se em diferentes estágios de degeneração.

Para a elaboração do jogo foram selecionadas 16 imagens da flora da região. Foram utilizadas fotos de espécies nativas a partir dos estudos realizados pelo Projeto de Pesquisa Flora (Acervo Y' Gabáú Manão e Verônica Maioli Azevedo) da Ilha Grande, da Professora Cátia Henriques Callado, coordenadora do Parque Botânico do Ecomuseu Ilha Grande.

O jogo contém, além da reprodução da imagem da planta, os nomes científicos e as características de cada uma delas, no intuito dos jovens se familiarizarem e conhecerem de forma um pouco mais aprofundada as espécies que cotidianamente encontram pelo caminho.

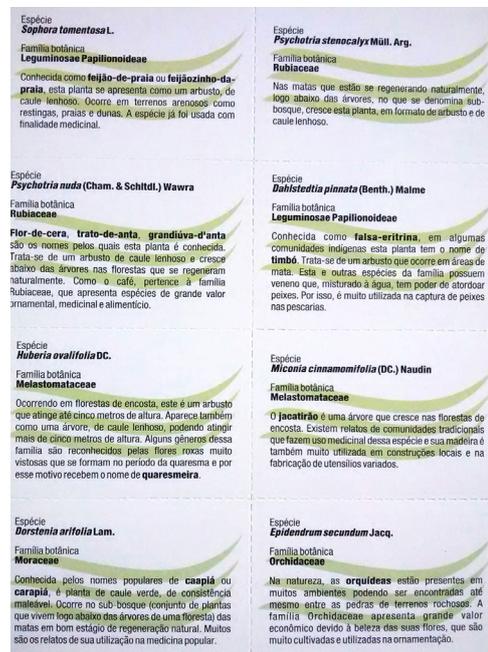
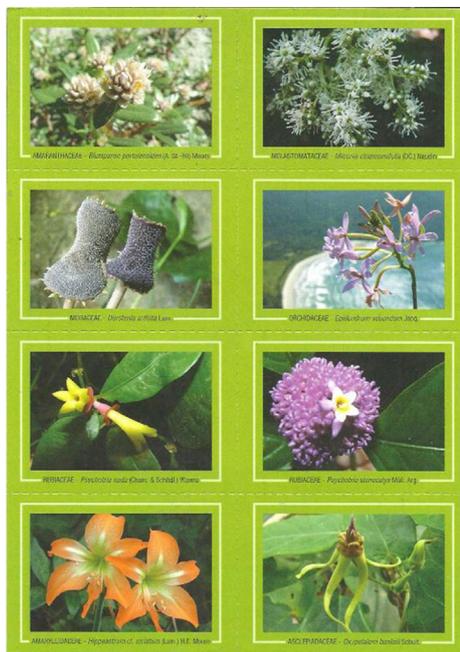
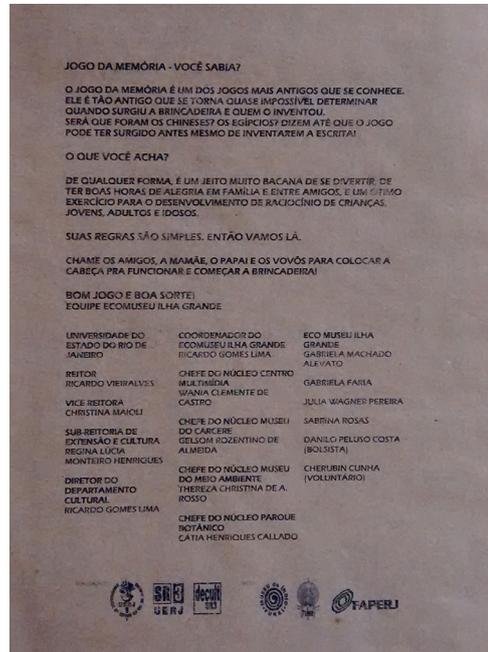
A edição dos jogos teve a parceria do Museu do Índio / FUNAI e a ilustração da capa foi realizada em papel artesanal confeccionado pelos índios da nação Guarani de Angra dos Reis (ver figura 7). Com essa parceria buscávamos conscientizar nosso público alvo sobre a importância da reciclagem, uma vez que todo o conteúdo do jogo é reaproveitado, manifestando a necessidade de uma prática sustentável principalmente no campo educacional. Esta ação resultou também em uma maior aproximação com a nação indígena Guarani Mbya que há séculos habita a região, nem sempre em paz e harmonia com a população local.



Embalagem externa produzida pelos Índios Guarani.
Figura 7. FONTE: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

Cada jogo é composto de uma pasta contendo informações sobre o tema abordado, regras de jogo, etc.

As figuras 8 (a e b) apresentam a capa, o verso e cartelas do Jogo de Memória: Edição Flores.



Apresentação da frente e verso do envelope do Jogo da Memória. O Jogo da Memória é composto por quatro cartelas com as figuras das plantas e duas cartelas informativas com as descrições destas plantas. Figuras 8. FONTE: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

Oficina de Cianotipia

A 9ª Primavera dos Museus, uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), conta com a adesão de muitos museus brasileiros. Como não poderia ter sido diferente, o Ecomuseu Ilha Grande também fez a sua parte. Em setembro de 2015, cujo tema do evento anual foi: Museus e Memórias Indígenas, o Ecomuseu realizou atividades interativas espelhadas na temática proposta. Nessa oportunidade fez uso de dois distintos espaços (a Sede do Ecomuseu e o Museu do Cárcere) para comportar tamanho evento.

Na Sede do Ecomuseu foram realizadas oficinas, inclusive de cianotipia (técnica fotográfica artesanal). A cianotipia, um dos primeiros processos fotográficos de impressão em papel, foi criada em meados do século XIX. Para demonstração da técnica foram usados padrões estéticos básicos da cestaria tradicional dos índios Guarani, localizados na região do Rio de Janeiro, em especial daqueles residentes na aldeia Bracuí, Angra dos Reis. Alguns desses padrões são referências dos desenhos das escamadas de algumas cobras por essa etnia indígena.

A característica principal da cianotipia é a tonalidade azul, oriunda das reações químicas que ocorrem após a exposição solar do objeto⁶. Diferente de outras formas antigas de impressão fotográfica, como a albumina que leva em sua composição clara de ovo e prata, o ambrótipo que são impressões na base de vidro, os ferrótipes que também utilizam prata numa base de latão, ou mesmo o daguerreotipo que consiste numa chapa de cobre banhada em prata. Todos esses processos são complexos pelo fato de utilizarem, principalmente, prata em sua composição, o que dificulta o manuseio, além do excessivo peso das chapas.

Por ser um processo de impressão relativamente simples, rápido e prescindir de câmera fotográfica, a cianotipia conquistou principalmente os botânicos do século XIX, que adentravam nas matas a fim de catalogarem as diversas espécies de plantas, o que ajudou na identificação de inúmeras espécies e certamente contribuiu para o conhecimento do homem moderno nos estudos da biodiversidade. Foi também muito utilizada por arquitetos e engenheiros na reprodução de desenhos e plantas arquitetônicas⁷.

A fotógrafa e botânica inglesa Anna Atkins, foi uma das primeiras pesquisadoras a fazer uso da cianotipia em seus trabalhos. Em 1843 lançou o álbum intitulado: *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions*, cujos textos foram escritos à mão. A botânica provou que a fotografia poderia ser cientificamente útil e esteticamente agradável, já que seu uso era até então pouco comum. As figuras 9 (a, b e c) são exemplos de imagens geradas por Anna Atkins através da cianotipia.



Chordaria flaoelliformis
Dictyota dichotoma
Cystoscira granulata

Exemplos de imagens geradas pelo processo da cianotipia.
Figuras 9. FONTE: J. Paul Getty Museum

Nos dias atuais a cianotipia é considerada uma técnica acessível a todos que desejarem obter uma imagem a partir de um processo fotográfico artesanal, sem utilização de câmera tradicional, tablet ou celular.

A facilidade de manuseio, a questão estética, a importância histórica e por estar a cianotipia atrelada à primeira publicação do estudo de flora realizado por uma botânica, foram argumentos que motivaram o Museu do Meio Ambiente a elaborar a oficina.

Sua realização ocorreu na Sede do Ecomuseu, local de importância histórica de Dois Rios, uma vez que o espaço já serviu como telégrafo e escola para os moradores da vila. Por muitos anos este espaço permaneceu fechado e atualmente o Ecomuseu vem realizando ali atividades de cunho cultural e educativo (ver figuras 10).





Oficina de cianotipia na Sede do Ecomuseu. Setembro 2015.

Figuras 10. FONTE: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

Esta oficina foi uma iniciativa do Museu do Meio Ambiente realizada pela bolsista, do Programa de Apoio Técnico - PROATEC, a arte-educadora Cynthia Cavalcante.

Considerações finais

Desenvolver atividades de extensão e pesquisa na Ilha Grande não é uma tarefa das mais fáceis. Trabalhar em uma região insular, protegida por legislação ambiental, com dificuldades de acesso, deslocamento e circulação entre vilas representam um enorme desafio. Os resultados, no entanto, podem ser compensadores. A preservação do meio ambiente, da cultura, dos aspectos sociais e da história local são objetivos alcançados. Transformar a Ilha Grande, ao longo do tempo, de um ambiente carcerário em um grande laboratório para o desenvolvimento de um modelo que concilie os diversos usos deste espaço insular em sintonia com os pressupostos da preservação e sustentabilidade ambiental é um grande desafio. O Ecomuseu Ilha Grande, por intermédio de seus quatro núcleos, é um museu que, com suas bases firmemente assentadas no passado, convida a todos a vislumbrar o presente de forma sustentável e a participar da construção de um futuro melhor e mais justo socialmente. Essa foi a busca realizada e o resultado encontrado pelas ações aqui apresentadas.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio financeiro do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Dos autores destacamos as seguintes contribuições:

Thereza Christina de Almeida Rosso - pesquisa e redação sobre a temática do Museu do Meio Ambiente.

Ricardo Gomes Lima – pesquisa e redação acerca de questões do patrimônio cultural do Ecomuseu Ilha Grande.

Cynthia Cavalcante – pesquisa e redação sobre atividades educativas no Ecomuseu Ilha Grande.

Referências

1. MIRANDA, V.B.S., ROSSO, T.C.A. Ecomuseu Ilha Grande: uma unidade que congrega ambiente e cultura. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, Rio de Janeiro, vol 5, n.1, pp 41-48, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/recm/article/view/2422/1376>> - Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.
2. LIMA, R.G. et al. As especificidades dos ambientes insulares: meio ambiente e cultura - Estudo de caso do Ecomuseu Ilha Grande - UERJ. *Interagir: pensando a extensão*, Rio de Janeiro, vol1, n.15, pp 11-18, 2010. Disponível em: <http://www.ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/As%20especificidades%20dos%20ambientes%20insulares%20...-%20artigo.pdf>> - Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.
3. MIRANDA, V.B.S. Caracterização ambiental preliminar de um córrego tropical em área de Mata Atlântica, Ilha Grande (RJ). 2013. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental), Faculdade de Engenharia Ambiental, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
4. OLIVEIRA, R.R., COELHO NETTO, A.L. O rastro do homem na floresta: a construção da paisagem da reserva biológica Estadual da Praia do Sul (Ilha Grande, Rio de Janeiro) a partir de intervenções antrópicas. In: PRADO, R.M. (Org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: Garamond/EdUERJ, 2006.
5. PRADO, R.M. Tensão no paraíso: Aspectos da Intensificação do turismo na Ilha Grande. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, vol 3, n.11, pp 01-09, 2003. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/25/23>> - Acesso em 10 de fevereiro de 2018.
6. MOSCIARO, C. (Org.). *Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2010. Disponível em: http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Cadernos_Tecnicos_6_Montado1.pdf> - Acesso em: 10 de fevereiro de 2018. (Caderno técnico de conservação fotográfica; volume 6)
7. CALAÇA, M.C. *Pinhole revisitada: manifestações neopictorialistas na fotografia contemporânea brasileira*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/Mariana_Capeletti_-_dissertacao__RED.pdf> - Acesso em 10 de fevereiro de 2018.